



A hipótese do ciclo de vida do consumo e a poupança em Moçambique Porquê pouparamos tão pouco?

Moisés Siúta

Introdução

Porquê pouparamos tão pouco? A resposta que parece dominar o senso comum é: não pouparamos (ou pouparamos pouco) porque o rendimento não chega para cobrir as despesas. Em Moçambique, esta resposta seria de esperar de quase metade da população que na Tabela 1, ocupa principalmente os primeiros dois quintis e parte do terceiro (cada quintil representa 20% da população). A despesa individual, nesta população, é inferior ao limiar da pobreza internacional de 1,9 dólares internacionais (\$ int) por dia. Entretanto, como demonstrou o estudo do Banco de Moçambique, sobre os determinantes da poupança, o número de moçambicanos cuja despesa é superior ao seu rendimento é bem maior que 50% da população e a poupança do país é muito baixa (4% do PIB entre 1991 e 2012) e a que existe é graças às empresas privadas e não às famílias. Cerca de 98% das famílias moçambicanas possuem poupança negativa¹. Este facto, coloca em questão, a resposta inicial que justifica a baixa poupança com base no rendimento.

O objectivo deste texto é discutir a questão acima usando uma abordagem alternativa baseada na hipótese do ciclo de vida do consumoⁱⁱ que explica a poupança e o crescimento económico com base no padrão de consumo da população assumindo que as pessoas individualmente procuram maximizar sua satisfação no consumo de bens e serviços.

A hipótese do ciclo de vida

A hipótese do ciclo de vida, parte do princípio de que a relação estabelecida entre a poupança e o rendimento é fundamentalmente psicológica e não uma lei económica,

pois há poucas evidências de como e por quanto tempo indivíduos ou países podem viver sem poupar ou a depender da poupança de outros. Ao invés do rendimento, a poupança depende do padrão de consumo que se estabelece quando as pessoas procuram maximizar sua satisfação no consumo de bens e serviçosⁱⁱⁱ. Por exemplo, em períodos de rendimento baixo, como na juventude, uma pessoa pode recorrer a empréstimos para garantir o nível de despesa que maximiza a satisfação das suas necessidades no consumo de bens e serviços na expectativa de, durante a vida adulta, poder trabalhar para consumir, pagar suas dívidas e poupar para a reforma.

Esta hipótese tem implicações importantes na explicação do comportamento da poupança. Sem entrar em detalhes sobre os pressupostos desta hipótese, a implicação mais importante é que a poupança das famílias não vai depender do seu rendimento, mas sim dos factores que explicam as características, a estrutura e comportamento do seu consumo.

Quintis da população	Despesa mensal (Meticais)	Despesa mensal (\$ int)	Despesa diária (\$ int)
Quintil1	MZN 427	\$ 22.81	\$ 0.8
Quintil2	MZN 743	\$ 39.68	\$ 1.3
Quintil3	MZN 1,118	\$ 59.71	\$ 2.0
Quintil4	MZN 1,776	\$ 94.86	\$ 3.2
Quintil5	MZN 5,512	\$ 294.40	\$ 9.8
Média Nacional	MZN 1,406	\$ 75.10	\$ 2.5

Tabela 1: Despesa per capita por quintil da população

No contexto moçambicano, discutir este argumento envolve responder a três perguntas: 1) quais são as características das famílias moçambicanas e como influenciam o consumo? 2) qual é estrutura das despesas de consumo das famílias? e 3) como as

características e a estrutura das despesas das famílias se relacionam com a poupança doméstica?

Características das famílias

O relatório do inquérito ao orçamento familiar – IOF2014/15^{iv} apresenta as características das famílias segundo três variáveis principais capazes de influenciar o consumo de bens e serviços (e.g.: água, educação, saúde, etc.): o tamanho do agregado, a composição etária e actividade económica do chefe do agregado familiar.

Em resumo, as principais características são: i) o tamanho dos agregados é, em média, de 5 pessoas por família num total de 5,1 milhões de famílias. Mais de metade destas famílias possui 3 a 6 membros. Famílias com 7 ou mais membros representam 24% e as constituídas por apenas 1 membro representam 6%. ii) a composição etária de uma família representativa com 5 membros, em geral, é: 2,4 membros com idades entre 0 e 14 anos, 2,4 membros com 15-64 anos e 0,2 membros de idade acima de 65. iii) quanto à actividade económica, 62% dos chefes dos agregados familiares são camponeses, 10% são operários não agrícolas, 9% são pequenos comerciantes e os restantes 19% ocupam-se noutras actividades (e.g.: técnicos universitários, administrativos, dirigentes).

Estrutura da despesa das famílias

As tabelas 1 e 2 mostram os níveis de despesa das famílias em Moçambique por quintil. O quintil mais baixo, ou seja, 20% da população com a despesa mais baixa do total da população gasta mensalmente cerca de 427 meticais por pessoa (14 meticais por dia). O último quintil que representa 20% da população com gastos mais altos, tem

um nível de despesa mensal por pessoa de 5512 meticais. Em geral, as despesas de alimentação representam mais de metade da despesa total nos primeiros três quintis. No quarto e quinto, as despesas de alimentação representam 40% e 14,4%, respectivamente^v.

Poupança doméstica e a hipótese do ciclo de vida

O que as características e a estrutura das despesas de consumo das famílias permitem inferir sobre a poupança doméstica moçambicana?

Começando pelo tamanho dos agregados familiares, com uma média de 5 membros, pode-se inferir que no geral, as famílias tendem a ser numerosas influenciando negativamente a poupança porque induz a um consumo relativamente mais alto. Por exemplo, enquanto, para a subsistência de uma família com apenas 1 membro, o gasto mínimo de cerca de 36 Meticais por dia (cerca de 1,9 dólares internacionais) pode ser considerado suficiente, o mesmo não se pode dizer de uma família de 7 membros porque o gasto diário mínimo aceitável teria de ser de 252 Meticais (ou 7560 Meticais por mês). Para o contexto social moçambicano onde as famílias possuem um (a) chefe com responsabilidades financeiras pode-se inferir que, para níveis de rendimento similares, quanto maior o agregado familiar menor será a poupança pois as despesas aumentam com o aumento do número de membros.

A composição etária das famílias também afecta negativamente a poupança doméstica pois, em geral, as famílias tendem a ter mais membros em idade economicamente não activa (sem potencial para servir de mão-de-obra produtiva) do que em idade activa. Como já referido, em média, uma família moçambicana é composta por 5 membros e conta apenas com 2,4 em idade economicamente activa (15-64 anos). Os restantes 2,6 são repartidos em: a) 2,4 com idade entre 0 e 14 anos o que significa que para cada indivíduo com idade entre 15 e 64 anos, há uma criança por cuidar; b) 0,2 idosos, ou seja, em cada 10 famílias existem, pelo menos, 2 idosos por cuidar. Este baixo índice de idosos nas famílias é indicador de uma baixa esperança de vida, sugerindo que muitos indivíduos não chegam a viver até aos 65 anos. A baixa esperança de vida (cerca de 57 anos) desincentiva a poupança, pois os indivíduos ficam com a expectativa de trabalhar até à morte que lhes inflige antes da idade de reforma. Assim, o padrão de gasto das famílias não tem em conta a finalidade de guardar parte do rendimento para a velhice e, por isso, o padrão de consumo em relação ao rendimento é tendencialmente alto e a pou-

pança é baixa.

A principal actividade económica de mais metade dos chefes de família é agricultura; uma agricultura de subsistência que produz apenas para satisfazer o consumo mínimo para sobrevivência. A predominância deste tipo de agricultura é prejudicial à poupança doméstica porque cria padrões de consumo primitivos, onde as famílias vivem de “mão a boca”, ou seja, produzem para consumir. Não deixam excedentes porque a poupança que é importante para aquisição de meios de produção, numa agricultura moderna, é irrelevante para uma agricultura que depende basicamente da natureza.

Considerações finais

Em resumo, poupamos tão pouco porque o contexto moçambicano promove mais o consumo do que a poupança. A análise das características das famílias moçambicanas é indicativa da pouca relevância que o rendimento tem na determinação do nível de despesa (ou consumo) ao longo da vida dos cidadãos na maioria das famílias. O estilo de vida das famílias que se reflete no tamanho dos agregados, no número de filhos, na estrutura etária das famílias e de despesa tende a não estar ligado a uma base económica e financeira onde a poupança e a acumulação de capital seriam importantes para a melhoria do padrão de vida.

Divisão de Despesas	Quintil1		Quintil5		Média Nacional	
	100	MZN 427	100	MZN 5 512	100	MZN 1 406
Total	62.5	MZN 267	14.4	MZN 794	36	MZN 501
Produtos Alimentares e Bebidas não alcoólicas	0.7	MZN 3	0.6	MZN 33	1	MZN 8
Bebidas Alcoólicas	5.6	MZN 24	5.3	MZN 292	6	MZN 84
Vestuário e Calçado	19.0	MZN 81	32	MZN 1 764	25	MZN 357
Habituação, água, electricidade, gás e outros combustíveis	2.7	MZN 12	5.6	MZN 309	4	MZN 62
Mobiliário, artigos de decoração, equipamento doméstico e manutenção corrente da habitação	0.5	MZN 2	2.5	MZN 138	1	MZN 18
Saúde	2.3	MZN 10	15.9	MZN 876	10	MZN 136
Transporte	2.1	MZN 9	5.1	MZN 281	4	MZN 58
Comunicações	0.4	MZN 2	1.7	MZN 94	1.100	MZN 15
Lazer, Recreação e Cultura	0.1	MZN 0	2.2	MZN 121	1.100	MZN 15
Educação	3.7	MZN 16	11.2	MZN 617	8	MZN 118
Restaurantes, Hotéis e Cafés	0.5	MZN 2	3.5	MZN 193	2	MZN 32
Bens e Serviços e Diversos						

Tabela 2: Estrutura da despesa das famílias. Comparação entre o primeiro e o último quintil

A estrutura de despesa mostra que do primeiro ao último quintil há uma mudança no padrão de consumo. Enquanto no primeiro quintil, produtos alimentares e bebidas não alcoólicas representam 63% do total da despesa, no último quintil, o gasto no mesmo tipo de produtos representa menos de 15% da despesa total (tabela 2). Os últimos dois quintis, cerca de 40% da população, gastam mais em outros bens como gás, habitação, electricidade e combustíveis. Esta mudança tem duplo significado na hipótese do ciclo de vida. Por um lado, significa que as famílias buscam o nível de consumo que lhes confere o melhor estilo de vida no ambiente onde vivem. Portanto, o aumento do rendimento não resulta no aumento da poupança, mas sim no aumento do consumo. Por outro lado, ao longo da vida, na busca do melhor estilo de vida possível, famílias com expectativas de aumento de rendimento, podem endividar-se o que aumenta o consumo e torna a poupança corrente negativa.

Referências

- ⁱBdM (2014) Determinantes da poupança em Moçambique. Maputo, Banco de Moçambique 2014.
- ⁱⁱMODIGLIANI, Franco (1986) Life Cycle, Individual Thrift, and the Wealth of Nations. The American Economic Review, v. 76, n. 3, p. 297–313, 1986.
- ⁱⁱⁱIbid.
- ^{iv}INE (2015) Relatório Final do Inquérito ao Orçamento Familiar – IOF2014/15. Maputo: Instituto Nacional de Estatísticas.
- ^vIbid.